
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

O *ISLAM*[1] NA CONTEMPORANEIDADE: TRADIÇÃO E DESAFIOS[2]

Murilo Cavalcante Alves – UFAL - AL

Resumo

Em um mundo que se pretende globalizado, imerso em múltiplas mentalidades, as religiões são solicitadas a conciliar os valores tradicionais de suas diversas perspectivas religiosas com aqueles impostos pela contemporaneidade, sem desconsiderar a diversidade cultural e religiosa. Desse modo, a presente comunicação objetiva discutir o *Islam* em suas bases tradicionais, quais sejam a revelação corânica, a insurgência da *sunna* e dos *hadices*, considerando, de outro modo, a distinção entre cultura secular e cultura islâmica. Por sua vez, considera em quais perspectivas pode se realizar o diálogo inter-religioso, sobretudo com as demais Religiões do Livro, como Judaísmo e Cristianismo.

Palavras-chave: Cultura secular e cultura islâmica. Desafios do diálogo inter-religioso. Tradição e contemporaneidade.

> *Uma parte do meu povo não cessará de lutar pela verdade até a vinda do Anticristo*.
>
> (*Hadîth* do Profeta Muhammad, sobre ele a bênção e a paz)

Em um mundo cada vez mais secularizado, influenciado pelo poder demolidor da mídia, e com fronteiras culturais cada vez menos delineadas, a identidade das religiões tradicionais é contaminada por valores pretensamente universais que se chocam com tradições seculares. Nesse contexto, o grande desafio dessas religiões é tentar conciliar princípios e valores tradicionais de suas perspectivas religiosas milenares com aqueles impostos pela contemporaneidade, sem desconsiderar a diversidade cultural e religiosa.

---

[1] Usamos o termo *Islam*, em vez do aportuguesado "Islã", porque se aproxima mais da palavra na língua árabe que, por seu distanciamento como língua semítica, pode apenas ser transliterada.

[2] "Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE".

Nesse panorama, inclui-se o I*slam*, a terceira religião revelada do tronco abraâmico, diante dos desafios da contemporaneidade, impostos por valores e mentalidades ocidentais globalizantes, suscitando questões desafiadoras que muitas vezes se contrapõem aos princípios das religiões.

Desse modo, a temática de nossa comunicação propõe uma reflexão acerca dessa questão. Para isso, inspiramos-nos em dois textos do pensador islâmico mais expressivo da atualidade, o intelectual, cientista e muçulmano iraniano Seyyed Hossein Nasr que, em dois artigos esclarecedores, ambos publicados em inglês e traduzidos para a língua portuguesa, o primeiro intitulado *O mundo islâmico – tendências atuais e futuras,* e o segundo*, O Islã e o encontro das religiões*[3]*,* elucidam algumas das dificuldades impostas pela contemporaneidade à religião islâmica.

Sendo assim, baseamos nossa comunicação em três pontos fundamentais, quais sejam: 1º) Quais são as bases tradicionais, os fundamentos/pressupostos do Islam ?; 2º) Existe uma distinção objetiva entre cultura árabe, secular e cultura islâmica, religiosa?; 3º) Quais são os desafios do *Islam* na atualidade, *vis-à-vis* com os valores/a mentalidade da contemporaneidade, visto que ao encará-lo como religião tradicional, devemos refletir sobre a diversidade cultural e religiosa, diante de um mundo cada vez mais secularizado ?

Ou seja, o primeiro ponto enfoca os fundamentos tradicionais do *Islam* como religião pouco compreendida e assimilada na contemporaneidade, considerando-se quão afastados estamos de valores e vivências de sociedades tradicionais. Discutir essa questão é pressuposto, uma vez que os princípios e práticas islâmicas se contrapõem a comportamentos diversos presentes nas diversas sociedades

[3] Textos extraído de *Sufi Essays*, Albany, NY, State University of New York, 1985, traduzido e publicado em CAMPOS, Arminda Eugenio; BARTHOLO JR., Roberto S. (Orgs.). *Islã*: o credo é a conduta. Rio de Janeiro: Imago: ISER, 1990.

contemporâneas, em que o Islam se presentifica como perspectiva religiosa atuante[4].

O segundo ponto, de certo modo, se relaciona ao primeiro na medida em que o *Islam* tendo ressurgido e se cristalizado no mundo árabe, sobretudo nos países do Oriente Médio, os hábitos culturais de alguns desses países são confundidos com práticas islâmicas, daí a necessidade de se fazer uma distinção clara entre essas práticas.

Enfim, o terceiro ponto, após as duas abordagens anteriores, trazem-nos diretamente para o mundo contemporâneo, em que o *Islam* presente em diversos países, com culturas e religiões diversas, há de conviver com essas diferenças e, ao mesmo tempo, ser reconhecido como uma religião autêntica.

Por conseguinte, para se compreender o *Islam* em sua integralidade, isto é, em suas bases tradicionais como religião revelada, é preciso voltar os olhos para a única religião que tem documentado de modo preciso os processos de seu surgimento, ao longo de sua história, melhor dizendo, de sua revelação. Talvez o modo mais simples de se entender as bases tradicionais dessa religião seja através dos três elementos principiais que fundamentam a teologia islâmica, isto é, os conceitos exarados por meio dos chamados *hadiths* ou *hadices*[5], emitidos pelo Profeta Muhammad (*s.a.w.s.*) [6] como receptor da Revelação, que os incorporou à tradição

[4] Se se considera o número de adeptos, o Islam é hoje a segunda religião mais expressiva no mundo.

[5] *Hadith* (PL.: *ahadith*): Sentença do Profeta. Entre os xiitas, o termo também é usado para as sentenças dos doze Imãs, embora haja uma nítida distinção entre as sentenças do Profeta (s.a.w.s.) e as dos Imãs. *Hadîth qudsî*: *hadîth* "sagrado", sentença do Profeta (*s.a.w.s.*) em que Deus fala na primeira pessoa. (BARTHOLO JR.; CAMPOS, 1990, p. 328).

[6] De agora em diante nos referiremos ao Profeta do *Islam (s.a.w.s.*) de três modos: o Profeta *Muhammad*, o Enviado de Deus, ou tão simplesmente, o Profeta. Subentende-se que estamos falando do Profeta "Maomé". Evitamos o termo "Maomé", porque originou uma confusão com relação ao papel do Profeta do *Islam*, ou seja, os termos "maometano" ou "maometismo", que ensejariam a interpretação equivocada de ser o *Islam* uma religião criada por ele. Suleiman Vali Mamede observa que: "Em português, além da forma 'Muhâmade', que, até na pronúncia, corresponde ao árabe Muhammad (esta proferida por todos os muçulmanos de hoje) existe uma outra, também usual, mas não

islâmica durante sua existência em Meca e Medina. Isto é, os conceitos de *Islam* (SUBMISSÃO), *al-imán* (FÉ) e *al-îhsán* (ADORAÇÃO).

Com efeito, o termo *Islam*, oriundo do árabe clássico, composto apenas de três consoantes *s-l-m*, associado às duas vogais "i" e "a", para efeito de vocalização, expressa na sua raiz etimológica a ideia de submissão, isto é, de acordo com Maududi (1989), implica submissão, entrega e obediência voluntária a Deus, completa submissão voluntária a Deus.[7] Esclareça-se de passagem que a mesma raiz dessa palavra origina dois outros termos que expressam a natureza e qualidade dos seguidores dessa religião: o termo *salam*, paz, e o termo *muslim*, muçulmano, ambos com a mesma raiz *s-l-m*.

Com efeito, reza a tradição islâmica, transmitida pelo compilador *an-Nâwâwi*[8]*,* que o califa (*khalifa*) [9] Omar relatou a seguinte descrição:

> Um dia, estávamos sentados em conferência na casa do Enviado de Deus (*s.a.w.s.),* e eis que se nos apresentou um homem vestido com roupas de uma brancura resplandecente, e com cabelos muito escuros. Não se distinguia nele nenhum traço de viagem, além do fato de que ninguém dentre os presentes o conhecia. Ele tomou lugar, diante do Profeta *(s.a.w.s*.). Ele colocou seus joelhos contra os do Profeta, e pousou as palmas de suas mãos sobre as pernas do Profeta, e lhe disse: - 'Ó *Muhammad* faça-me conhecer o *Islam*.'

Diante dessa indagação, o Profeta do *Islam* assim respondeu:

---

para fins religiosos – 'Mafoma' -, que se lê nos mais antigos textos da língua portuguesa [...] Esta última forma tem origem na vocalização que se espalhara em alguns países árabes, com a lição *Mahommad*, que os clássicos do idioma arábico procuravam corrigir, mas que explica certas formas hoje desusadas como 'Mafomede' e 'Mafamede', e o turco *Mahomet*, que passou ao francês (italiano: *Maometto*), e que se aportuguesou entre nós, por 'Maomé', sem necessidade [...]" (ALCORÃO, 1980, p. VII-VIII). De outro modo, a expressão abreviada "s.a.w.s.", associada ao seu nome, sempre que for citado, significa: "que a paz de Deus esteja sobre ele".

[7] O editor do livro de *Alimam Abul A'la Maududi*, em português, adiciona uma nota explicativa assinalando que não existe um Deus específico dos muçulmanos, representado pela palavra árabe *Allah*, que é apenas um termo na língua sagrado-litúrgica do *Islam*, o árabe, para expressar a ideia de Deus.

[8] EN NÂWÂWI. *Les quarante h'adiths*. Kwait: International Islamic Federation of Student Organization, 1992.

[9] Sucessor.

> - 'O *Islam* consiste naquilo que tu deves: testemunhar que não existe outra divindade que *Allah* (Deus), e que *Muhammad* é seu Enviado, cumprir a prece ritual, distribuir o *zakat* (imposto ritual) e cumprir o jejum do *Ramadan*,[10] assim como a peregrinação à Casa de *Allah*[11], se as condições de viagem lhe forem possíveis.'

O interlocutor, desconhecido dos presentes àquela reunião, continua a questionar o Profeta:

> [...] - 'Tu dissestes a verdade'; e todos nós nos surpreendemos, tanto com sua questão como com a sua aprovação, depois, ele retomou: 'Faça-me conhecer a Fé.'[12] O Profeta replicou: 'A Fé consiste em crer em Allah, em seus Anjos, em Seus Livros, em Seu Profeta, no Julgamento Final. Tu deves crer ainda na Predestinação que diz respeito ao bem e ao mal. O homem lhe disse ainda: 'Tu dissestes a verdade', e ele retomou: 'Faça-me conhecer a Virtude', e o Profeta lhe respondeu: 'A Virtude consiste em adorar Deus, como se tu o visses porquanto se tu não O vê, Ele certamente te vê.'[13]

(Este hadîth é considerado uma espécie de pequeno catecismo muçulmano, em que o Profeta recorda de início as cinco obrigações fundamentais do I*slam*, depois fala das crenças essenciais, inclusive daquela compreendida no Julgamento Final (Juízo Final), sobre o qual ele dá alguns detalhes, e enfim, trata da virtude, como se há de ver em seguida. Quer dizer, estes três elementos constituem a religião (*din*).)

> O homem lhe disse ainda: - 'Faça-me conhecer a Hora (do Julgamento Derradeiro (Final))', e o Profeta lhe respondeu: - 'Sobre a Hora do Julgamento, o interrogado não é mais sábio que aquele que o questiona'.[14] Nisso, a esse respeito o homem disse: - 'Mas faz-me conhecer os sinais precursores', e o Profeta lhe respondeu: - 'Acontecerá logo que a serva

[10] Ramadan é o mês do calendário islâmico em que foi revelado o Alcorão ao Profeta.
[11] A *Ka'ba* (o Cubo) que, segundo o Islam, seria a primeira Casa de Oração primordial da humanidade.
[12] *al-imán.*
[13] *Al-ihsán* = (adoração) – realização perfeita da oração, representa (M. Valsan) a perfeição dos graus precedentes: o Islam, a submissão às prescrições legais e Imán, a Fé. (AN-NAWÂWÎ, 1986, p. 13).
[14] Na versão trazida por *Bukhari*, o Profeta acrescenta: "A Hora faz parte de cinco coisas que só *Allah* conhece". E recita o versículo: "*Allah* tem Nele a Ciência da Hora (XXXI, 34). Alcorão, VII, 187: "Se te interrogarem sobre a Hora: "Quando chegará?", dizes: "Sua Ciência só pertence a meu Senhor. Somente Ele fará com que apareça na sua ocasião. Pesada será nos céus e sobre a terra. Chegará a todos de forma imprevisível." Se te interrogam como se tu soubesses algo, dize:"Sua Ciência só pertence a *Allah*. Porém, a maioria dos homens não sabem". Mateus XXIV, 36; Marcos XIII, 32. (AN-NAWÂWÎ, 1986, p. 15).

> engendrar sua patroa, logo que tu veres os mendigos, aqueles que estão nus, os miseráveis, os pastores começarem a elevar construções cada vez mais altas'. O homem, então, partiu. Eu permaneci ali durante um bom tempo, então o Profeta disse: - 'Ó Omar, tu sabes quem me interrogou?' - Não, respondi! Allah e seu Enviado, nesta matéria, são mais sábios. - 'Este homem era o Arcanjo Gabriel.[15] Ele veio de modo a ensinar-te vossa religião.'

Esses são os elementos que caracterizam aquilo que a teologia islâmica denomina de religião. No entanto, na religião islâmica há que se distinguir dois conceitos distintos, porém complementares: *Din* (Religião) e *Sharia* (Direito muçulmano). Como se viu, a *Din* se relaciona à fé em Deus, com todos os seus atributos, a crença no Dia do Julgamento, a crença nos Profetas e em seus Livros, bem como a submissão aos princípios divinos.

Por sua vez, o segundo ponto, que propõe elucidar a distinção entre cultura árabe, secular e cultura islâmica, por conseguinte religiosa, faz-se necessário uma vez que a religião islâmica ressurgida em um contexto expressamente árabe, qual seja o da sociedade mequense, pretensamente transplantaria elementos dessa cultura para os demais países nos quais o Islam se introduziu.

Para entender essa distinção, dois termos precisos na língua árabe servem para definir o que seria cultura islâmica e cultura não islâmica. Ou de outro modo, o que seria permitido e o que seria interditado. São os vocábulos *halal* e *haram*. *Halal*, de acordo com o *Islam* seria tudo aquilo que é legítimo, correto; enquanto *haram* seria tudo aquilo que é prejudicial, por conseguinte, interditado.

Dessa forma, a partir desses elementos se descreve uma série de práticas a serem seguidas que vão desde a forma de conduzir as orações até a forma de se alimentar. Ou seja, a *Sharia*, está relacionada a um

[15] Gabriel (*Jibril*) é o mensageiro angélico que transmitiu a Revelação ao Profeta. Ensinou-lhe igualmente os ritos de ablução e da oração, e foi seu guia em sua ascensão celeste (*mi'raj*). (NA-NAWÂWÎ, 1986, p. 15, notas 3 e 4).

determinado código de conduta ou cânones peculiares sobre os meios e modos de adoração, os padrões da moral e da vida, em síntese, as leis que permitem ou proíbem e que distinguem entre o bem e o mal. As fontes dessa Lei, a Sharia, são o Alcorão (revelação) e os *Hadiths* (tradições).

São essas diretrizes provenientes da *Sharia* que fazem uma distinção clara entre cultura de modo geral, já que o *Islam* existe como religião em países não necessariamente árabes, e cultura islâmica, de modo específico. A confusão, como dissemos, se dá por conta de a religião islâmica ter ressurgido em um contexto expressamente árabe, qual seja o da sociedade de Meca, e que transplantaria elementos desta cultura para os demais países nos quais o *Islam* se introduziu.

Há que se perceber o contexto histórico desse ressurgimento em que o próprio Profeta vai se insurgir contra costumes bárbaros e idolátricos diversos que o obriga, inclusive, a se deslocar para Medina, naquele contexto conhecido como a Hégira (*hijra*), que vai marcar definitivamente o início do calendário islâmico, em uma sociedade instituída de acordo com os preceitos islâmicos.

E é exatamente no contexto dessa cidade, que o modelo de sociedade islâmica é estabelecido através das diversas solicitações surgidas dos problemas de diversas ordens que ali se manifestaram, que são resolvidos através de revelações proféticas, cujas soluções são incorporadas à tradição islâmica e origina aquilo que se denomina de *sunna.*

Por outro lado, existe toda uma influência islâmica no Ocidente, e que não é necessariamente árabe, infelizmente subestimada ou mesmo ignorada pelo mundo acadêmico e que vai se dar não apenas via religião, mas nas ciências e nas artes.

Por sua vez é imprescindível distinguir Islam e mundo islâmico, uma vez que existem correntes de pensamento, movimentos, afirmações e até mesmo rejeições dentro do contexto diversificado do mundo e do

pensamento religioso.islâmico. Para Nasr (1990), Islam e mundo islâmico não são de nenhuma forma idênticos, por isso não devem ser confundidos um com o outro nas análises acadêmicas. Mas, ao mesmo tempo não devem ser completamente separados.

Há que se considerar que o contexto geográfico do Islam é islâmico intrinsecamente, na medida em que, durante séculos, as leis, a cultura, as estruturas sociais e, sobretudo, a mundividência de seus habitantes foram significativamente moldados por esta religião. Entretanto, há que se diferençar o Islam autêntico de movimentos que se apropriam do nome, dos símbolos da linguagem islâmica, mas que carecem de autenticidade.

Tais considerações nos conduzem finalmente ao terceiro ponto da nossa exposição, que indaga sobre os desafios do Islam na contemporaneidade, *vis-à-vis* com os valores e a mentalidade ocidental globalizante.

Das reflexões de Nasr, a primeira que se destaca seria o fato de que não vivemos tempos normais, perspectiva, aliás, já delineada de forma quase "profética" pelo francês René Guénon, em duas obras publicadas no início do século XX, que já trazia antevisões assustadoras sobre os tempos futuros. São elas, *Oriente e Ocidente*, *A Crise do Mundo Moderno* e *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos.*

Se bem que a perspectiva de Seyyed Nasr, sobre essa anormalidade da sociedade, situa-se basicamente na ideia da inexistência de uma religião exclusiva. Para o autor, em tempos considerados normais, a religião de um ser humano seria a religião e, nesse sentido, cada religião se dirigiria a uma humanidade que para ela seria a humanidade como tal.

Por sua vez, Nasr (1990) destaca que ao se analisar a história das religiões, percebe-se que o homem foi criado para viver numa tradição religiosa homogênea, sob os ditames dos valores propugnados por sua

religião, que seriam essencialmente para ele os valores absolutos, e por conseguinte, obrigatórios.

Assim, o grande desafio da contemporaneidade se dá na medida em que o homem deve permanecer fiel à sua própria tradição religiosa e, ao mesmo tempo, conviver de forma harmônica com as outras tradições. Isto resultou das condições anormais em que vivemos que se originou na chamada modernidade que destruiu ou limitou a própria fé religiosa.

Ou seja, a questão primordial proposta pelo estudo comparado das religiões, sob a ótica islâmica, é como preservar a verdade religiosa, a ortodoxia tradicional e as estruturas dogmáticas da própria religião e, ao mesmo tempo, assimilar outras tradições e aceitá-las como caminhos e vias espirituais igualmente válidas que conduzem a Deus, já que o significado metafísico e teológico da presença de outras religiões é diferenciado na medida em que consideramos civilizações tradicionais ou o mundo atual.

Nasr (1990) considera, então, que

> Para o homem tradicional, muçulmano ou não, ou seja, para um homem cuja vida e pensamento são moldados por um conjunto de princípios de ordem transcendente, e que vive numa sociedade em que estes princípios se manifestam em todas as esferas, as outras tradições religiosas lhe aparecem como mundos estranhos que não lhe concernem como realidade espiritual imediata, a não ser em casos excepcionais que não fazem mais do que confirmar a regra. (p. 236)

Dessa forma, a compreensão do encontro do Islam com outras tradições religiosas, ou seja, o chamado diálogo religioso, deve considerar dois aspectos bem delimitados na tradição islâmica: uma discussão exotérica, atinente à Lei Divina, ou *sharia*, e outra esotérica, pertinente a uma via espiritual, ou *tarïqah*. Essa é, aliás, a perspectiva na qual se coloca uma série de estudiosos da tradição como René Guénon, Frithjof Schuon, Ananda Coomaraswamy, dentre outros. Isto é, a perspectiva da *Philosophia Perennis*.

Lembramos que o *Islam*, além de cultivar várias artes, ciências e perspectivas intelectuais, está dotado de escolas de teologia, filosofia e teosofia (*hikmah*) – isto é, não no sentido heterodoxo que o termo assumiu na atualidade, degradando a palavra.

Quando falamos em diálogo religioso, ou diálogo de civilizações, não podemos ignorar que o I*slam* teve seus próprios historiadores e eruditos, geógrafos e viajantes, que foram uma espécie de canal no encontro com outras religiões, cujo dependeu da perspectiva adotada. É bastante citado o *hadith* do Profeta que disse: "se deve procurar o conhecimento se preciso até na China".

Nasr (1990) considera que excluindo o período moderno, que se destaca pelos rápidos meios de comunicação, pode-se afirmar que o *Islam* contatou mais outras tradições do que qualquer outra religião, inclusive, encontrou o Cristianismo e o Judaísmo em sua origem e durante a primeira expansão daquela religião.

Desse modo, para Nasr (1990) o encontro das religiões deve se realizar no seio do esoterismo, na perspectiva do *Islam* conhecida como *Tasawuff*, ou Sufismo, ou gnose islâmica, porque só nesta dimensão pode se encontrar a base indispensável para a compreensão de outras religiões. Isso porque o sufi é o adepto da religião que procura transcender o mundo das formas, passar da multiplicidade à Unidade, do particular ao Universal, pois só assim todas as formas se tornam transparentes, inclusive as formas religiosas, que denotam assim sua origem única.

Essa perspectiva da gnose é na verdade a constatação mais universal de uma sabedoria perene que sesta situada no coração do *Islam* e do mesmo modo na essência de todas as religiões que se manifestam como tradições autênticas. Outro nome para esta "doutrina suprema da Unidade" é a de "religião do amor", referida por Ibn 'Arabi em seus versos.[16] Tal amor

[16] "Meu coração se tornou capaz de qualquer forma: é um pasto para gazelas e um convento para cristãos, um templo para ídolos e a Caaba do peregrino, as tábuas da

não é apenas sentimento ou emoções, é um conhecimento transcendente que revela a unidade interior das religiões.

Enfim, ao se pensar nessa dimensão do diálogo, devemos concordar com Teillard Chardin, quando disse que "Tudo que se eleva, caminha para o mesmo ponto" ou, então, recitar com a tradição hindu que

> *Como muitos rios,*
> *com suas nascentes em lugares diversos,*
> *carregam suas águas para o imenso mar,*
> *também, ó Senhor,*
> *as várias veredas trilhadas pelos homens*
> *de várias tendências,*
> *por diversas que sejam, ou curvas ou retas,*
> *todas levam a TI.*

REFERÊNCIAS

AN-NAWÂWÎ. **Los cuarentas hadiths**: las tradiciones del profeta. Barcelona: Edicomunicación, 1986.

BARTHOLO JR., Roberto S.; CAMPOS, Arminda Eugenia (Orgs.). **Islã**: o credo é a conduta. Rio de Janeiro: Imago: ISER, 1990.

EN NÂWÂWI. **Les quarante h'adiths**. Kuwait: Al Faisal Press: International Islamic Federation of Student Organizations, 1992.

HAMIDULLAH, Mohammad. **Introdução ao islam**. São Bernardo do Campo: C.D.I.A.L, 1991.

MAMEDE, Suleiman Vali. Prefácio. In: **ALCORÃO**. Trad. Direta do árabe e anotações de José Pedro Machado. 2. ed. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1980.

MAUDUDI, Alimam Abul A'la. **Para compreender o islamismo**. São Bernardo do Campo: C.D.I.A.L, 1989.

Torah e o livro do Corão. Sigo a religião do Amor: qualquer caminho que tomem os camelos do Amor, essa é minha religião e minha fé." (Ibn 'Arabi apud Nasr, 1990, p. 259-260).